

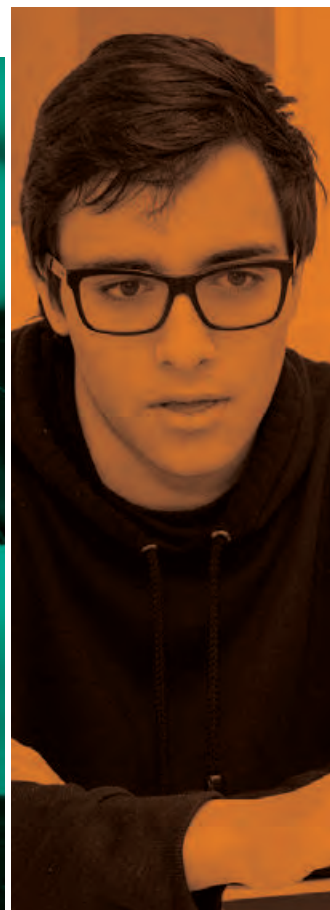
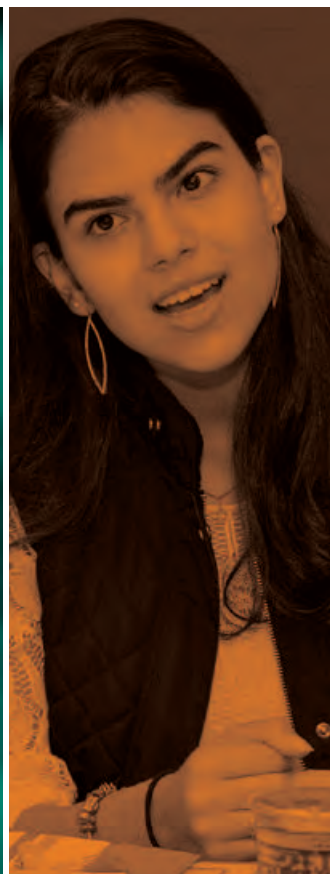


O ANO EM

# REVISTA

2017

ATUALIDADES + PRODUÇÃO DOS  
ALUNOS + O QUE ROLOU EM 2017



# O vestibular MUDOU

NO STOCKLER, ESTRATÉGIAS PERSONALIZADAS DE ENSINO  
E A REINVENÇÃO DO CURSINHO MOSTRAM O CAMINHO  
PARA INGRESSAR NAS MELHORES FACULDADES





## SUMÁRIO

- 4. *Acontece*
- 6. *Ensino médio*
- 14. *Ciências exatas e da natureza*
- 20. *Linguagens*
- 28. *Entrevista*
- 30. *Ponto final*

## EDITORIAL

Caro leitor, cara leitora.

Quanto mais profundas as transformações propostas, maior deve ser o período de reflexão sobre seus desdobramentos. Em 2017, nossa equipe pedagógica acompanhou de perto a discussão acerca da Nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da reforma do Ensino Médio. O Ministério da Educação apresentou como justificativas para as mudanças “aproximar ainda mais a escola da realidade dos estudantes à luz das novas demandas profissionais do mercado de trabalho” e “permitir que cada um siga o caminho de suas vocações e sonhos”. Para o governo, ambos os objetivos serão atingidos por meio da flexibilização da grade curricular. Haveria, contudo, uma matriz de conteúdos a ser ministrada ao longo da educação básica, a BNCC.

Uma leitura superficial das matérias que abordaram o tema pode causar a impressão de que as discussões se encontram em estado avançado. Na realidade, porém, o próprio governo admite haver muitos pontos a serem desenvolvidos para que se implemente a reforma. Atualmente, um dos principais obstáculos é a finalização da BNCC para o Ensino Médio, documento que ainda deve passar por algumas etapas até ser aprovado.

Como sempre, nós do Stockler estamos atentos às mudanças no cenário do ensino brasileiro e preparados para fazer todas as adaptações necessárias. Porém, gostaríamos de aproveitar o momento para reafirmar nosso compromisso com o projeto formativo eleito pelas famílias cujos filhos estudam conosco. Um currículo rigoroso, ministrado por docentes experientes e comprometidos com a evolução do aluno, bem como um ambiente marcado pelo respeito à diversidade e ao direito de expressão, continuarão a nortear nosso trabalho.

As matérias que você lerá na edição 2017 de *O Ano em Revista* refletem nossa proposta. O vestibular mudou? Criamos um novo projeto para garantir a melhor preparação possível para os nossos alunos. O clima no país levou a um aumento da intolerância? Promovemos inúmeras atividades focadas no contato com outras realidades, no desenvolvimento da escuta e da capacidade de defender opiniões com argumentos sólidos, sem ferir os direitos do outro. Em comum, essas iniciativas mostram a preocupação em permitir que o jovem assuma o papel de protagonista na jornada da aprendizagem. Os resultados estão aí para provar que eles merecem esse lugar de destaque!

Boa leitura!



Professor Stockler



**DIRETOR EXECUTIVO**  
Marcos Stockler

**DIRETORAS ADJUNTAS**  
Julia Stockler  
Mariana Stockler

**DIRETOR ADMINISTRATIVO**  
Agostinho Marques Filho

**DIRETORES PEDAGÓGICOS**  
Almir Bunduki  
Josely Maria Ofenböck Magri  
Sonia Cavalheiro Borghi

**SUPERVISOR PEDAGÓGICO**  
Miguel Augusto de Toledo Arruda

**ORIENTADORAS EDUCACIONAIS**  
Alessandra Bronze  
Kátia Ritzmann  
Maria José Gimenes  
Sueli Garcia

**COMUNICAÇÃO**  
Júlia Blumenschein

*O Ano em Revista* é uma publicação do Colégio Stockler, com conteúdo e design produzidos pela agência PIU COMUNICA.



**COORDENAÇÃO EDITORIAL**  
Anna Angotti e Claudia Carmello

**EDIÇÃO**  
Ana Paula Severiano

**PROJETO GRÁFICO E DESIGN**  
Maira Tanaka

**REVISÃO**  
André Albert

Impressão GRÁFICA PRINTI



# Olimpíadas de matemática

Em 2017, mais alunos do Stockler participaram da Olimpíada Canguru de Matemática e também da Olimpíada de Matemática da Unicamp. Na primeira, alunos do 9º ano do Fundamental e da 2ª série do Médio foram premiados com medalhas de bronze e de prata. Já na competição da Unicamp, Bryan Chin, da 2ª série, chegou às finais.

## QUADRO DE MEDALHAS CANGURU

### 9º ano

João Marrey Mendonça - Prata  
Pedro Rizzutti Berlanda - Prata  
Adriana Ataíde - Bronze

### 2ª série

João Paulo Gazola Bebbler - Prata  
Bryan Gilvaz Chin - Bronze



Foto: Divulgação

## Passeio ao Catavento

Em março, os alunos do 9º ano conheceram o Museu Catavento Cultural, que fica no Brás, em São Paulo. Lá, com o auxílio dos professores e de atrações interativas, puderam se aprofundar em conceitos de ótica, dinâmica, evolução, genética e reações químicas. O professor Thiago Rosa destaca a importância da atividade: "Assim, os estudantes solidificaram conceitos previamente trabalhados, aprenderam a observar novos fenômenos de maneira crítica e desenvolveram uma relação emocional com o conhecimento".



Foto: Divulgação

## Literatura em foco

*Mayombe*, romance do escritor angolano Pepetela lançado nos anos 1980, é o primeiro livro de um autor africano a figurar como leitura obrigatória para o vestibular da Fuvest. Para discutir a obra, que retrata a guerra de independência em Angola nos anos 1970, o Stockler reuniu em uma palestra para a 3ª série a professora de Literatura Maria Ester de Almeida, o de História, Jackson Farias, e o de Atualidades, Ivan Paganotti. Ester explica a importância do diálogo entre as disciplinas: "Os alunos precisam entender que o mundo não é formado por fragmentos que não se comunicam; o mesmo acontece com as disciplinas. Elas estão ligadas e, se eles conseguirem fazer tais relações, compreenderão melhor os acontecimentos e construirão um pensamento mais profundo e crítico a respeito de toda informação que lhes for dada".



## Blog do Stockler no Estadão

O Colégio Stockler foi convidado pela editoria de educação de *O Estado de S. Paulo* a escrever um blog no site do jornal. No ar desde julho de 2017, os textos têm como alvo os pais com filhos em idade escolar, especialmente aqueles que estejam concluindo o Ensino Médio ou fazendo cursinho pré-vestibular. "Nessa parceria com o *Estadão*, queremos oferecer conteúdo que ajude as famílias a participar de maneira mais positiva da vida escolar de seus filhos", destaca Mariana Stockler.

**ACESSO O BLOG DO STOCKLER NO LINK:**  
<http://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-stockler>



## O ano das efemérides

Do ponto de vista da história e da cultura, 2017 é um ano de celebrações e reflexões. Há 500 anos, dava-se o estopim da Reforma protestante na Europa. Em 1917, uma revolução derrubou os tsares na Rússia, enquanto em Nova York o francês Marcel Duchamp exibiu um mictório em uma galeria para questionar o conceito de arte. Mais tarde, em 1947, começava a Guerra Fria, que levou União Soviética e Estados Unidos à corrida espacial. A briga velada entre as potências culminou no lançamento do satélite Sputnik, em 1967, e da sonda Voyager 1, em 1977. Esses e outros assuntos foram temas de um aulão interdisciplinar para a 3ª série do Ensino Médio, em que professores de História, Filosofia, Literatura e Física se reuniram para apresentar como tais temas podem aparecer nos vestibulares deste ano.

## Até logo!

A 17ª edição da Copa Stockler de Futebol Society foi marcada pela despedida das turmas de 3ª série. João Pedro Flaquer, aluno do Colégio desde o Ensino Fundamental e agora formando, destaca a importância do evento esportivo em sua vida: "Entrei no Stockler em 2013, como um menino que não sabia trabalhar em equipe nem gerenciar conflitos. Particpei de cinco Copas, mas a da 3ª série foi diferente. Curti cada minuto, foi o fim de um ciclo que me tornou uma pessoa melhor e mais preparada para os desafios do trabalho em conjunto".

### RESULTADOS

**1º lugar:** 3ª série B  
**2º lugar:** 3ª série C  
**3º lugar:** 1ª série A



Fotos: Carolina Gonzalez





Ex-alunos vitoriosos: Bernardo Machado, aprovado em Engenharia no Insper, na Escola Politécnica da USP e na Ufscar. Bruna Prado ingressou em Direito na FGV. Bruno Pagetti conquistou um lugar na Faculdade de Direito da USP e no Insper

## BEM-VINDO AO NOVO

# vestibular

UMA NOVA ERA DOS PROCESSOS SELETIVOS DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS COMEÇOU. MAIS VAGAS PARA COTAS, PROVAS MULTIDISCIPLINARES, SUSTENTAÇÕES ORAIS E DINÂMICAS DE GRUPO JÁ SÃO REALIDADE E TRAZEM NOVOS DESAFIOS ÀS ESCOLAS

Texto: Ana Paula Severiano  
Fotos: Carolina Gonzalez

Em 1977, quando a Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) realizou sua primeira prova, o mesmo exame selecionava para vagas na USP, na Unicamp e na Unesp. Eram 120 testes sobre todas as disciplinas e uma redação na primeira fase. Na segunda, questões mais específicas e outra proposta de redação. Mais de quatro décadas depois, a Unesp e a Unicamp criaram suas próprias provas. A Fuvest continuou responsável pelo exame da USP, o número de testes diminuiu e a redação ficou só na segunda etapa. Recentemente, a Universidade de São Paulo adotou o Sistema de Seleção Unificada (Sisu) como uma das formas de acesso às suas vagas. Além disso, aprovou, em julho de 2017, cotas para alunos de escolas públicas ou autodeclarados pretos, pardos e indígenas, com a meta de atingir 50% de reserva de vagas em todos os cursos e turnos até 2020. Última instituição pública de Ensino Superior de São Paulo a aderir às cotas, a USP segue uma série de transformações que vêm ocorrendo nos vestibulares, tanto de instituições públicas quanto particulares, ao longo dos últimos anos.

Além da expansão da política de cotas, o fortalecimento do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) como meio para ingresso em universidades federais e também em faculdades privadas, a discussão a respeito da Base Nacional Comum Curricular, a reforma do Ensino Médio e as novas habilidades exigidas pelos processos seletivos pintam um quadro desafiador para os jovens candidatos, suas famílias e, igualmente, para as escolas. “Há pais que nos procuram ansiosos com o vestibular e querem que os filhos sejam preparados para essa etapa desde o começo do Fundamental II. Contudo, entendemos que, diante de tantas mudanças, é essencial investirmos em uma formação apoiada em um currículo de excelência e na construção de habilidades socioemocionais essenciais. Não queremos que nossos alunos tornem-se apenas indivíduos condicionados a fazer provas”, afirma Josely Magri, diretora pedagógica do Stockler.



Foto: Fernando Farah (2ª série A)

### CONCURSO DE FOTOGRAFIA

## Arte no currículo

Faz parte do currículo da 2ª série a visita ao Instituto Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais. Reconhecido como um dos mais importantes acervos de arte contemporânea no Brasil, o Inhotim é um espaço em que os alunos se encontram com variadas formas de expressão e, ao mesmo tempo, são estimulados a desinibir o próprio olhar em um concurso de fotografia.

“No Einstein, a primeira instrução da prova oral foi que os candidatos não seguissem as respostas prontas ensinadas pelos cursinhos. E, realmente, não dava para se apoiar em um roteiro, porque a prova consiste em oito minientrevistas e houve até uma dramatização em que eu precisei interagir com uma atriz, o que foi legal porque já tínhamos feito peças de teatro no Colégio. Além disso, na prova, há uma série de outras atividades que levam à reflexão e também questões mais tradicionais. Me perguntaram, por exemplo, por que eu achava que deveria ser escolhida em um contexto no qual há 120 candidatos por vaga e eu respondi que não achava que merecia mais do que os outros.”

Selene Zyngier, aprovada no curso de Medicina do Einstein e em outras cinco instituições, inclusive na Universidade de São Paulo



## MAIS COTAS NAS PÚBLICAS: MAIOR CONCORRÊNCIA NAS PARTICULARES

Na Unicamp, já no ano passado, 52% dos matriculados vieram de escola pública. A universidade aprovou seu plano de reserva de vagas só em maio de 2017, pouco antes da USP, mas como lá já havia bonificação sobre as notas das provas, as chances para os candidatos de escolas particulares vinham diminuindo: no curso de Medicina, 88% dos matriculados em 2016 eram de escola pública. Na Unesp, onde há cotas desde 2014, quase metade dos convocados era oriunda da rede pública em 2016. “No caso de algumas carreiras, a concorrência nas públicas aumentou significativamente. Como consequência, no médio prazo, haverá uma migração de ótimos alunos provenientes das escolas particulares para as faculdades privadas, avalia Mariana Stockler, gestora do Colégio. “Estes são alunos que, antes das políticas de cotas, provavelmente conquistariam vagas nas públicas. O resultado? Aumento da concorrência também nos vestibulares para as faculdades particulares”, completa. Por isso, Mariana assinala a mudança nesse mercado e a necessidade de uma preparação cada vez menos massificada e mais voltada para as especificidades dos exames (leia mais em *Plano de Ataque*, na pág. 9).

## O VESTIBULAR DO FUTURO: ARGUMENTAÇÃO, EMPATIA E ATÉ INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Antes, os vestibulares se propunham a selecionar aqueles com mais domínio do conteúdo do Ensino Médio, treinados para resolver problemas difíceis na área de exatas e com boa memória para guardar informações das matérias de humanas. Hoje, além da capacidade de pensar de modo interdisciplinar e de interpretar texto em profundidade, como no Enem, também são exigidas habilidades que se aproximam das esperadas em líderes de empresas. Na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, além das provas tradicionais, os candidatos ao curso de Administração de Empresas devem entregar uma carta de motivação na qual justificam sua escolha pela FGV, assim como acontece em universidades de ponta nos Estados Unidos. Na segunda fase, os aprova-

“*Eles querem alguém que tenha pesquisado o que é a FGV e saiba que lugar ocupará lá dentro. Por isso, falei muito das entidades na minha carta de motivação – hoje, além de ser aluna da graduação, sou membro da Conexão Social, organização gerida pelos estudantes, que busca nos aproximar da realidade brasileira e cria projetos ligados à sustentabilidade ambiental e social.*”

**Júlia Abi-Sâmara**, ex-aluna do Stockler, aprovada em Administração de Empresas na FGV-SP em 2017



Foto: Divulgação



Foto: Alex Steijntjes (2ª série A)

dos para essa etapa têm que sustentar em uma entrevista o que escreveram na carta, o que demonstra a valorização de habilidades não cognitivas. A etapa oral se repete no curso de Direito dessa instituição.

Já no Insper, há dinâmica de grupo e entrevista para os cursos de Engenharia, Economia e Administração. Segundo o edital do vestibular, são avaliados “comunicação assertiva, comunicação de equipes e pensamento crítico”. Em outras palavras, o que os estudos de psicologia convencionaram chamar de habilidades socioemocionais, algo “que a escola também tem o papel de desenvolver”, ressalta o coordenador de projetos do Stockler, Eduardo Valladares.

O novo formato alcança também a seleção nas faculdades de Medicina. No Einstein, que abriu seu curso em 2015, há entrevistas com uma série de profissionais e já se exigiu até dramatização em uma das etapas. Além do conteúdo, o que está em jogo são a capacidade de comunicação e de empatia e a ética.

Ao longo das páginas desta reportagem, alguns depoimentos de ex-alunos do Colégio Stockler aprovados nesses vestibulares inovadores para o contexto brasileiro são a prova de como uma formação que não investe apenas em aulas expositivas e apostilas é fundamental nos dias de hoje.

“*A prova da GV Direito é interessante porque exige conhecimento aprofundado sobre temas como artes e atualidades. Além disso, é uma prova que te tira da zona de conforto, pois é preciso ir além dos modelos prontos.*”

**Bruna Brossa**, ex-aluna do Stockler, aprovada em Direito na FGV-SP e na PUC-SP, em 2016.



Fernando Cardoso, candidato a uma vaga no curso de Direito

## Plano de Ataque

**AO FIM DO ENSINO MÉDIO, TODOS OS ALUNOS ALMEJAM O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR, MAS CADA UM VIVE SUA BATALHA. É NESSE CONTEXTO QUE SE DESENVOLVE O PROJETO DA ORIENTADORA MARIA JOSÉ GIMENES. ELA TRAÇA ESTRATÉGIAS COM OS ESTUDANTES PARA QUE ELES ALCANCEM O SUCESSO**

Texto: **Maria José Gimenes**, orientadora educacional

Desde o Ensino Fundamental II, a equipe de orientadoras do Stockler dedica-se a ensinar os alunos a estudar. Para isso, adotamos diversas ferramentas, dentre elas planos de estudo individualizados, elaborados em conjunto com o aluno. Na 3ª série, damos continuidade a esse processo.

No segundo semestre, quando entramos no clima do vestibular, realizamos diversas rodadas de atendimento individual. Nosso objetivo é levar o aluno a refletir e a se apropriar da responsabilidade por sua preparação para conquistar uma vaga na universidade. Esse projeto, batizado de Plano de Ataque, também é um grande exercício de autoconhecimento. Nossa experiência no atendimento a vestibulandos mostrou que as chances de sucesso aumentam muito quando o aluno reconhece suas facilidades e dificuldades, quando pensa a respeito dos seus hábitos de estudo e entende de que formas o estresse interfere no rendimento.

Nos primeiros encontros, faço um levantamento que indica a carreira pretendida pelo estudante e as três instituições mais bem ranqueadas do curso. Nessa fase inicial, também investigo quais são os hábitos e como é a rotina dele. Assim descubro mais sobre a alimentação, o sono, as atividades de lazer, a saúde e a relação com a família e os amigos.

Tomo esse retrato como ponto de partida para traçar um conjunto de orientações e de metas por escrito – por exemplo, entregar todas as redações no trimestre, acessar um site de notícias diariamente, guardar o celular na hora de fazer as tarefas. Além disso, eles recebem uma cópia da edição mais recente da prova das faculdades em que querem ingressar e fazem como simulado em casa. Alguns, ainda, são indicados para atendimentos com a professora de redação. Ela, por sua vez, debruça-se sobre o texto de cada um e os ajuda a enxergar com mais clareza quais os pontos a serem trabalhados.

Tento sentar com cada aluno pelo menos três vezes ao longo do semestre para falar sobre o que combinamos, analisar resultados e rever o plano traçado. Esses momentos também são o espaço para compartilhar medos e frustrações, tão comuns nessa fase da vida. Em 2017, a experiência já deu frutos, com aprovações em Medicina, Engenharia, Direito e Administração em algumas das melhores instituições do país. Para mim, esse é o maior reconhecimento pelo trabalho que faço.



## NOVOS ENEM E ENSINO MÉDIO: TRANSIÇÃO LENTA

Desde que foi adotado como avaliação para o ingresso nas universidades federais, em 2010, o Exame Nacional do Ensino Médio ganhou outro peso no contexto brasileiro. A prova, que antes servia apenas para avaliar a qualidade desse segmento e ranquear as instituições de educação básica em todo o país, ficou mais complexa. Em 2017, o Inep anunciou outras mudanças, como a não divulgação das notas por escola, a realização da prova em dois domingos seguidos e o fim da possibilidade de obter o certificado de conclusão no Ensino Médio por meio do exame. “A tendência é que o Enem torne-se uma prova mais difícil, ainda mais semelhante a um vestibular tradicional. É provável também que cada vez mais instituições privadas incluam a nota do Enem em seus processos seletivos”, afirma Mariana Stockler. Na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, por exemplo, das 200 vagas do curso de Administração de Empresas diurno, 90 são preenchidas de acordo com a nota no Enem dos ingressantes.

A reforma do Ensino Médio, sancionada por Michel Temer em fevereiro deste ano, também deve mexer com o currículo das escolas, mas ainda é cedo para prever qual é seu impacto. Para Miguel Arruda, supervisor pedagógico do Colégio Stockler, é necessário conter a afobação: “O novo Ensino Médio, ou seja, quando as escolas começarão a adaptar suas grades curriculares, deve começar a ser implantado em 2020, talvez depois disso. Os representantes do governo ainda afirmam que isso deve afetar as matrizes de avaliação de exames como o Enem e que é possível que os estudantes passem a ser avaliados por área”. Concretamente, porém, a mudança ainda está em curso, uma vez que não se encerrou a discussão acerca da Base Nacional Comum Curricular, documento que pautará os conteúdos a ser ensinados no Ensino Médio e cobrados pelos vestibulares.

“Agora, o que nós podemos fazer e estamos fazendo é investir em ferramentas que ajudem o aluno a identificar as instituições de ensino superior que melhor atendam a seus objetivos e expectativas”, diz Mariana. “E também em uma preparação específica para o Enem: exemplo disso é o atendimento de redação do Colégio, que levou a um salto significativo da nota dos nossos alunos no último ano. Mais de 60% deles obtiveram notas superiores a 800 pontos”, completa Mariana.

### REDAÇÃO (3ª SÉRIE)

Após participar do 8º Mergulho nas Carreiras, em agosto, as turmas da 3ª série escreveram textos dissertativo-argumentativos sobre uma preocupação comum nesse período: a dificuldade de conciliar a escolha profissional com a satisfação das expectativas pessoais e da sociedade.

### Briga de forças: coletivas e individuais

por\_ Ana Carolina Souza

*Gradualmente, a sociedade tem imposto a uma parcela dos jovens da população a obrigação de tomar decisões que influenciam suas vidas no longo prazo. Esta imposição se materializa, para muitos, no processo seletivo do vestibular. No caso do Brasil, o exame se tornou obrigatório em 1911, naquela época com provas orais e discursivas. Apesar de, com o passar dos anos, essa metodologia ter apresentado eficácia no que se refere à qualidade do Ensino Superior no país, é inegável a pressão exercida sobre os jovens para que façam a escolha profissional rápida e corretamente.*

*Diante disso, os jovens são comumente conduzidos por desejos de seus pais, pelas influências do grupo ao qual pertencem ou pela remuneração oferecida por determinadas profissões. Como consequência da escolha precipitada, diversos alunos têm abandonado seus cursos. De acordo com dados do Inep, somente em 2014, a porcentagem de alunos que abandonaram o curso chegou a 49%. Concomitantemente, o governo federal passou a estudar as possíveis alternativas para uma reforma no Ensino Médio no Brasil, que foi estabelecida por meio de uma medida provisória, em 2016. Entretanto, o que não foi compreendido pelo governo é que o problema não se encontra somente no método de ensino aplicado, mas também na constante luta entre satisfação pessoal e cobrança social.*

*Pode-se citar ainda a forte influência exercida pelos grupos de amigos e familiares do estudante, que é facilmente afetado pelo seu entorno e deixa de seguir seus desejos. É possível analisar a questão à luz do filósofo Kant. Em sua teoria, ele defende que uma pessoa está na minoridade quando é incapaz de fazer uso da própria razão e, por isso, é guiada pelas opiniões daqueles que a cercam.*

*Em suma, apesar da tentativa do governo federal de melhorar a qualidade do ensino médio, no sentido de auxiliar a escolha profissional, há outros fatores que impactam essa decisão. Assim, com o intuito de amenizar os problemas enfrentados pelos jovens, é papel da escola oferecer palestras e painéis que mostrem aos alunos as especificidades de cada profissão, de modo que se facilite o autoconhecimento.*



“Embora sempre exista uma tensão, porque se trata de um processo seletivo, não senti dificuldade na dinâmica de grupo, porque foi muito semelhante ao que eu já havia tido no Colégio. Parecia que eu estava em uma aula de Atualidades ou no Cine Debate, discutindo com meus colegas sobre um tema polêmico.”

**Bernardo Machado**, ex-aluno do Stockler, conquistou o quinto lugar em Engenharia Mecatrônica no Insper e também foi aprovado na Escola Politécnica da USP e na Ufscar.



“Atividades como a viagem para Inhotim, na 2ª série, e monografia, na 3ª, me ajudaram muito a desenvolver análise crítica, repertório e uma boa escrita. Por isso, me destaquei no vestibular e também dentro do curso. Entrei na empresa júnior da ESPM, em que repertório é essencial para realização de projetos.”

**Helena Villalobos**, aprovada em segundo lugar no curso de Design Gráfico da ESPM



Foto: Giovanna Bondarencio (2ª série B)

### JORNALISMO (2ª SÉRIE)

No ano em que o Ensino Médio entrou em questão com a reforma, as mudanças no Enem e a ampliação de cotas, muitos alunos do Stockler escolheram a educação no Brasil como tema para a escrita de seus artigos para o blog *A Hora e a Vez* ([colegiostockler-blog.com](http://colegiostockler-blog.com)), organizado pelo professor de Jornalismo, Ivan Paganotti, em parceria com a disciplina de Redação.

### Cotas em universidades públicas: investimento na solução errada

por\_ Beatriz Duprat

*Em 2014, aproximadamente 530 mil alunos cursaram a última série do Ensino Médio, sendo todos eles potenciais candidatos a estudar na Universidade de São Paulo, a melhor da América Latina. Desse total, 83% estudavam em escolas públicas, e os outros 17% em escolas privadas. Naquele mesmo ano, somente 32% dos ingressantes vieram de escolas públicas, enquanto 68% vieram de escolas privadas; ou seja, do total de candidatos da escola pública, apenas 0,78% foram contemplados com uma vaga. Em contrapartida, dos 86 mil alunos de escolas privadas, 8,6% foram contemplados.*

*Tendo em vista a situação apresentada, nota-se que as chances de um aluno de escola privada entrar na USP é 11 vezes maior. Assim, é inegável que, em um país com profundas desigualdades, seja essencial que o Estado promova processos de inclusão. No entanto, existem duas formas de tentar corrigir essa situação: governos podem investir na qualidade de escolas públicas, de modo a garantir um maior desempenho desses alunos nos*

*vestibulares, ou a universidade pode discriminar esses mesmos alunos já marginalizados, dando pontos extras, garantindo uma fração das vagas para este grupo exclusivo.*

*O governo brasileiro decidiu adotar a solução mais fácil. Em 2012, sancionou uma lei que destina 50% das vagas em universidades e institutos federais para estudantes de escolas públicas. A USP, embora seja mantida pelo governo estadual, acompanha a política federal e ampliará a reserva de vagas até 2021. Com isso, o sistema segregará ainda mais os estudantes, pois estes serão classificados como “os que sabem mais” e “os que sabem menos”. No longo prazo, a USP e outras universidades serão obrigadas a segregá-los em classes distintas, o que seria o ápice da discriminação.*

*Dessa forma, parece correta a ideia de incluir mais alunos de escolas públicas em universidades públicas. No entanto, cotas deveriam ser implantadas como uma medida provisória, e não como única e permanente para resolver todos os problemas.*







REDAÇÃO (9º ANO)

“Sempre tirei notas baixas em redação. Agora, no terceiro ano, percebi que precisava melhorar. Comecei a escrever sobre propostas extras e levar as produções aos atendimentos individuais. Lá, pudemos analisar meus erros detalhadamente e pensar em como resolvê-los. Continuo indo ao atendimento e posso afirmar que meus textos são muito melhores do que eram. Tirei notas que eu não imaginava obter e isso me motivou.”

**Victória Patrício,** aluna da 3ª série do Ensino Médio, vai prestar Medicina

O que você quer ser quando crescer? A pergunta que se escuta desde criança foi a motivação para que alunos do 9º ano do Ensino Fundamental escapassem do lugar-comum, realizassem pesquisas a respeito das carreiras em que têm interesse e conversassem com suas famílias sobre a escolha da profissão, bem como sobre as angústias ligadas a isso. Depois, durante uma aula de Redação do professor Vicente Castro, eles escreveram diários pessoais em que registraram esse processo. A atividade preparou os alunos para a oitava edição do Mergulho nas Carreiras, evento em que os estudantes conversam com profissionais, participam de oficinas, assistem a palestras e entram em contato com instituições de ensino superior.

“Ainda estou pensando no que quero ser quando crescer. Penso em engenharia, arquitetura ou algo relacionado ao futebol. Agora, o futebol é o que me chama mais atenção. Primeiro, vou tentar ser jogador. Caso não dê certo, quero ser técnico. Se isso também não funcionar, gostaria de trabalhar na diretoria ou em qualquer outra parte da administração econômica de um clube.” **Luca Gabriele Karsten**

“Quando eu crescer, quero ser engenheira civil ou aeronáutica. Essa profissão me atrai porque desde criança eu sou apaixonada pelas disciplinas de exatas e eu sempre fui muito bem em álgebra, geometria e raciocínio matemático. Eu ainda estou em dúvida se vou fazer faculdade no Brasil ou fora. Se eu fizer no Brasil, pretendo cursar o Instituto Tecnológico da Aeronáutica, o ITA, em São José dos Campos. Se eu fizer fora, pretendo estudar em Montreal, no Canadá.” **Isabela Salvestro**

“Pretendo cursar Bioquímica. Tal carreira me permitirá ajudar, mesmo que indiretamente, a população. Poderei observar substâncias bioativas e plantas medicinais para desenvolver remédios, além de criar ‘receitas preventivas’ e contribuir com hospitais. Além disso, poderei analisar moléculas sinalizadoras e estudar as células.” **Victoria Ruggiero**

## Celular? Aqui pode

QR Codes (do inglês *quick response codes*, “códigos de resposta rápida”), aqueles quadradinhos que podem ser lidos pelos smartphones e levam instantaneamente a sites na internet, incrementaram as apostilas do curso de revisão realizado na 3ª série. Por meio do celular, os alunos tiveram acesso a conteúdos complementares às aulas das diferentes disciplinas de todas as áreas do conhecimento.

Mais que a ferramenta, a escolha priorizou a qualidade da informação e a linguagem com que ela é apresentada. O supervisor pedagógico do Stockler, Miguel Arruda, ressalta a seleção criteriosa dos materiais: “Alguns dos códigos remetem a experiências em laboratório, que ilustram e auxiliam a compreensão de tópicos de Física, Química e Biologia. Eles têm ótima qualidade e apontam para sites de universidades brasileiras e estrangeiras, além de instituições confiáveis, como a Fapesp”.

O aluno Raphael Faria, da 3ª série A, concorda com Arruda: “Achei a iniciativa bem legal, porque oferece um atalho confiável para algo que eu teria que procurar na internet por conta própria. Além disso, eles, de fato, complementam a apostila. Tenho usado, principalmente, para estudar Biologia, porque é muito mais fácil ver como os fenômenos acontecem na prática do que ficar restrito à leitura”.

Nas Humanidades, além da curadoria, alguns docentes se dedicaram à produção de conteúdo. É o caso de Regina Célia, coordenadora de História. Ela e Carolina Rahal, professora de Artes, produziram um videobook com um trecho da obra *Os Românovs*, de Simon Sebag Montefiore. O texto é narrado por Regina e o vídeo foi editado por Carol com imagens e música do começo do século 20, época em que a narrativa se passa.

Acesse-o aqui: [goo.gl/YRUJWq](http://goo.gl/YRUJWq)

## A reinvenção do STOCKLER VESTIBULARES

**CLASSES PEQUENAS, ATENDIMENTO PERSONALIZADO, DESENVOLVIMENTO DE REPERTÓRIO E MATERIAL MULTIPLATAFORMA ESTÃO ENTRE OS PILARES DO CURSO PREPARATÓRIO QUE SERÁ LANÇADO EM 2018**



Plantões ministrados por professores experientes e atendimento individual estão entre os diferenciais do extensivo Stockler

Quando o Stockler Vestibulares abriu sua primeira turma, em 1985, na garagem do professor de Física Marcos Stockler, o vestibular era outro, mas os cursinhos se pareciam bastante com os de hoje: uma centena de alunos, poucas janelas e muita pressão. Naquela época, o Stockler fez fama porque oferecia salas com número reduzido de alunos, um quadro de professores competente, atendimento personalizado, ambiente amigável e, em consequência disso, um excelente índice de aprovação em carreiras disputadas, como Medicina. Os valores que nortearam o começo dessa história associados às recentes exigências dos processos seletivos e às demandas de aprendizagem da geração de nativos digitais inspiraram a nova turma de cursinho preparatório que começa em 2018.

A palavra “nova”, aqui, assume dois sentidos: nova porque será a primeira turma de cursinho no Stockler desde 2011. Mas nova, sobretudo, porque vem para preencher uma lacuna relacionada às transformações do contexto educacional brasileiro. “Mudanças como o fortalecimento do Exame Nacional do Ensino Médio, a ampliação das cotas nas universidades públicas e as habilidades cobradas nas provas para ingresso no Ensino Superior, que agora extrapolam o domínio do conteúdo, fizeram com que a gente entendesse que era necessário, mais uma vez, reinventar o que é o cursinho pré-vestibular”, afirma Mariana Stockler, uma das gestoras do colégio. A experiência acumulada desde a abertura do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio também contribuiu com as diretrizes do projeto.

### ALÉM DA DECOREBA

Em primeiro lugar, a sala do cursinho terá apenas 25 alunos, a fim de proporcionar, como no colégio, uma relação mais próxima entre professor e aluno. Almir Bunduki, diretor da 3ª série e responsável pelo pré-vestibular, enfatiza que não apenas as aulas, mas também os plantões serão comandados pelos docentes das disciplinas, a fim de garantir continuidade, excelência e rigor em todos os momentos. Ele destaca ainda a carga horária e as atividades exclusivas: “São 38 horas de aula por semana, com Filosofia, Sociologia e Atualidades na programação comum. Além disso, haverá atividades focadas em

oratória e retórica, na escrita de cartas de motivação e no desenvolvimento de repertório”.

Para fomentar o senso crítico, a equipe do cursinho planeja sessões de cinema acompanhadas de debate sobre temas históricos e aulas extras que abordem as artes – tema presente no Enem e em provas como a da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e a da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Já os encontros de Inglês partem do conhecimento que os alunos já têm para aplicá-lo nos vestibulares. “Muitos daqueles que compõem nosso público frequentaram escolas de idiomas, participaram de intercâmbio e são fluentes. Por isso, nas aulas de Inglês queremos que eles lancem mão daquilo que sabem, percebam as especificidades de cada prova e se munam de estratégias para resolvê-las”, afirma Regina Tarifa, coordenadora da disciplina. Em Redação, além das aulas e dos laboratórios de produção de texto, haverá atendimento individual, com um percurso de trabalho proposto a partir das dificuldades detectadas em conversas com a professora e em avaliação diagnóstica.

### TECNOLOGIA SEM MODISMO

O material acompanha as inovações promovidas em sala de aula. As apostilas são planejadas pelos professores que trabalharão com elas e têm QR codes que facilitam, por meio do uso do smartphone, o acesso a textos, vídeos e outros conteúdos complementares (mais informações na página 12). Finalmente, um site com listas de exercícios, desafios, textos e propostas de redação estará à disposição dos alunos.

Além das atividades e possibilidades de estudo por meio de diversas linguagens, os alunos do cursinho terão o acompanhamento constante – e não apenas emergencial, como acontece na maioria das vezes em outras instituições – da equipe de orientação pedagógica (leia mais na página 9). Ela atuará na construção e na verificação de planos de metas individuais. Nesse sentido é que a tradição daquilo que começou na garagem do professor Stockler se mantém viva: “É um cursinho pré-vestibular, mas nós vamos de encontro ao modelo massificado para que o aluno se sinta acolhido e saiba que podemos, de fato e de modo bastante particular, auxiliá-lo a alcançar seu objetivo”, assinala Mariana Stockler.



# É COISA DE menina

**ALGUÉM DISSE QUE MULHER NÃO PODE SER CIENTISTA? ENGENHEIRA? NOSSAS ALUNAS, EX-ALUNAS E PROFESSORAS CONTAM SUAS HISTÓRIAS E MOSTRAM A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE PARA VENCER PRECONCEITOS EM QUALQUER ÁREA DO CONHECIMENTO**

Texto: Ana Paula Severiano  
Fotos: Carolina Gonzalez



Sofia Larrabure, da 1ª série: desempenho acima da média em exatas

Aproximar alunos do Ensino Médio de grandes nomes da ciência na atualidade é o objetivo do projeto Pioneers in Science, promovido durante o evento World Science Festival. Em 2015, o Stockler participou do Pioneers pela primeira vez, quando os alunos do Ensino Médio conheceram o cosmólogo e astrofísico britânico Martin John Rees, presidente da Royal Society entre 2006 e 2010. Em 2016, foi a vez de Gabriela Gonzalez, pesquisadora na Universidade do Estado da Louisiana e participante do grupo LIGO, que comprovou a existência das ondas gravitacionais teorizadas por Einstein e, por isso, teve seus líderes premiados com o Nobel de Física em 2017.

Em junho deste ano, o evento aconteceu novamente e a convidada da vez foi Aprille Ericsson, chefe de operações na Nasa. Formada em engenharia pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), Ericsson quebrou paradigmas em

sua trajetória na ciência. Foi a primeira mulher com doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Howard e a primeira afro-americana a se titular como doutora pelo Goddard Space Flight Center, já na agência espacial norte-americana.

Na conversa, ela inspirou alunas do Colégio que se interessam pela área da pesquisa aplicada, as quais já tinham sido provocadas a refletir sobre o preconceito de gênero nessa área na edição do Cine Debate em que foi exibido o filme *Estrelas além do tempo*. “A videoconferência foi uma ótima ocasião para aprofundar a discussão iniciada com a exibição do filme. O longa tem relações diretas com a história de Aprille, por tratar de três mulheres negras que trabalham na Nasa, provam sua competência profissional e precisam lidar com o machismo e o racismo diariamente para conseguir ascender na hierarquia”, diz Beatriz Saddi, da 2ª série.

Um estudo publicado este ano na *Science*, um dos periódicos científicos mais importantes do mundo, mostra a relevância de atividades como essa em sociedades nas quais desde muito cedo as meninas são estimuladas, ainda que de modo indireto, a pensar que certas habilidades seriam exclusivas de meninos. No experimento, cientistas contavam às crianças histórias sobre uma pessoa “muito, muito inteligente” – sem revelar se era homem ou mulher. Até os cinco anos de idade, os participantes tendiam a associar a narrativa a alguém do mesmo gênero que o seu. Notou-se, no entanto, que a partir dos seis anos as garotas já não se identificavam tanto com a característica da inteligência, atribuindo mais comumente o gênero masculino ao personagem descrito. Lin Bian, da Universidade de Illinois e uma das responsáveis pela pesquisa, disse ao jornal *Folha de S.Paulo*, em fevereiro, que esse estereótipo pode afastar jovens mulheres de determinadas carreiras, como as ligadas às ciências.

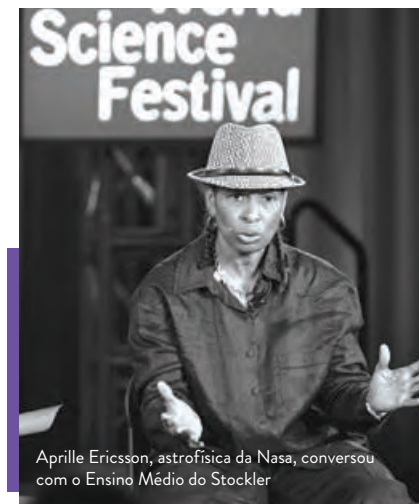
Inês Souza, professora de Biologia do Stockler, analisa o problema de modo mais amplo: “A ciência não tem gênero. Se você for bom, terá chances de conquistar o seu espaço. O problema é que, na nossa sociedade, algumas das responsabilidades ainda recaem mais sobre as mulheres, como é o caso da maternidade e da administração da casa. Isso, certamente, pode atrapalhar o desenvolvimento de uma carreira acadêmica bem-sucedida”. A professora fez mestrado e doutorado na Universidade de São Paulo (USP) na área de genética. Estudou também na Universidade da Califórnia e realizou grande

parte de seu percurso acadêmico no laboratório de Mayana Zatz, a responsável pelo Projeto Genoma no Brasil. Em mais de uma década dedicada à academia, à escola básica e às duas filhas, Inês fez jornada tripla e, ainda assim, estimula as meninas a não desistir de suas escolhas.

Uma das alunas de Inês no Stockler foi Ana Paula Schiavo, aprovada em Medicina na USP no final da 3ª série. Apesar da vaga garantida em uma das instituições mais reconhecidas na área, Ana se frustrou com o curso no primeiro ano. Em 2013, ela recebeu um convite da universidade, enviado aos alunos que obtiveram melhor desempenho da Fuvest, para conhecer o curso de Ciências Moleculares, proposta interdisciplinar que tem como objetivo formar cientistas para o ensino superior público. A aluna que gostava de tudo um pouco – matemática, física, química e biologia – identificou-se com a ideia, especializou-se em Botânica e, em breve, fará processo seletivo para ingresso direto no doutorado. Ana Paula nunca se sentiu discriminada, mas mostra na sua experiência que parece haver uma barreira entre as meninas e a ciência: “Embora eu nunca tenha passado por preconceito em congressos, especialmente porque trabalho na área de biológicas e porque tive uma orienta-

“Na videoconferência com Aprille, aprendemos muito sobre engenharia espacial e sobre a dificuldade enfrentada pelos negros e pelas mulheres ao longo da história em diversos aspectos de carreira. Além disso, ainda pudemos conversar com uma mulher afro-americana que superou obstáculos e realizou seus sonhos, quebrando todas as expectativas de uma sociedade preconceituosa.”

Thais Fullman,  
aluna da 2ª série do Ensino Médio



Aprille Ericsson, astrofísica da Nasa, conversou com o Ensino Médio do Stockler

Foto: World Science Festival/Greg Kessler

## Da telona para a vida

**OS TRÊS LONGAS-METRAGENS EXIBIDOS AOS SÁBADOS NO ESPAÇO ITAÚ DE CINEMA ESTIMULARAM A REFLEXÃO, A DISCUSSÃO E A ESCRITA DE TEXTOS NO STOCKLER EM 2017**



### MARÇO

**Eu, Daniel Blake, Ken Loach**

Vencedor da Palma de Ouro em Cannes, o longa narra a história de Daniel Blake, carpinteiro inglês que sofre um ataque cardíaco e enfrenta a burocracia do Estado para receber o seguro-desemprego.

### MAIO

**Estrelas além do tempo, Theodore Melfi**

Nos anos 1960, quando a segregação racial ainda era regra no sul dos Estados Unidos e a Guerra Fria estava em seu auge, três mulheres negras fizeram história ao desenvolver cálculos complexos para a Nasa e contribuir decisivamente para o avanço do país na corrida espacial.



### OUTUBRO

**Dunkirk, Christopher Nolan**

Do diretor de *Batman Begins*, a obra conta como milhares de soldados ingleses, franceses e belgas foram resgatados de uma praia durante a Segunda Guerra Mundial. Além de fazer um retrato da época, o filme combina temporalidades diferentes em sua narrativa.







Ana Paula Schiavo desistiu da Medicina para tornar-se cientista

dora muito respeitada, sei que não se trata de um campo igualitário. Na minha turma, eram inicialmente 28 meninos e quatro meninas. Destas, apenas duas se formaram”. Ela também reflete sobre o currículo nas escolas e como isso se relaciona com o número reduzido de mulheres na academia: “A gente aprende sempre os nomes dos cientistas, mas nunca das cientistas que fizeram história. Teorema de Pitágoras, fórmula de Bhaskara, leis de Newton... Como se elas não exercessem nenhum papel”. Por outro lado, Ana ressalta que suas professoras sempre fizeram questão de evidenciar o protagonismo feminino.

“No Ensino Fundamental do Stockler, eu tive uma professora de Matemática maravilhosa, que fazia os problemas parecerem muito simples. Eu queria ser como ela e até pensei em fazer um curso de licenciatura. Agora, quero ser engenheira formada pelo ITA [Instituto Tecnológico da Aeronáutica]”, conta Lourdes Mikalef, aluna da 1ª série do Ensino Médio que se destaca nas ciências exatas. Como ela, a colega Sofia Larrabure (veja a resenha crítica que ela escreveu sobre o filme *Estrelas além do tempo* no quadro ao lado) tem desempenho acima da média nessas disciplinas e sonha também em estudar Engenharia, mas fora do Brasil.

Enquanto Lourdes e Sofia ainda imaginam o que querem ser e onde vão estudar, a ex-aluna do Stockler Júlia Freixedelo está quase terminando seu segundo ano no curso de Engenharia de Materiais da Escola Politécnica da USP. Ainda hoje, as mulheres representam 30% dos ingressantes nessa graduação. Na Poli, ela ampliou seu horizonte sobre questões relacionadas ao

INTERDISCIPLINAR (1ª SÉRIE)



**Estrelas em foco**

por\_ Sofia Larrabure

*Em 1962, a Nasa enviou John Glenn, um piloto militar do Exército dos EUA, para o espaço, a bordo da nave Friendship 7, e ele se tornou o primeiro americano a dar uma volta no planeta. Sua missão foi calculada e projetada pelos maiores gênios do país, mas Katherine G. Johnson, uma mulher negra no ápice da segregação no estado de Virginia, foi a principal responsável por assegurar que os cálculos e coordenadas estavam corretos.*

*O filme Estrelas além do tempo conta a história real dessa brilhante cientista, interpretada por Taraji P. Henson. Katherine enfrentou diversos obstáculos durante sua vida para deixar de ser um computador humano da Nasa (mulheres negras contratadas para trabalhar nos cálculos da agência espacial) e participar do grupo mais importante da missão do Friendship 7, o Space Task Group. Lá, ela descobre que todos os seus colegas são homens brancos que têm medo até de dividir uma garrafa de café com ela. Al Harrison (Kevin Costner), o chefe do grupo, é o único que parece não se importar com a cor de Katherine.*

*O longa conta também as vidas das melhores amigas da matemática: Dorothy Vaughan (Octavia Spencer), um “computador humano” que trabalha na função de supervisora, apesar de não ser uma, e Mary Jackson (Janelle Monáe), que atua no planejamento de naves e chega a batalhar na Justiça para conseguir um lugar em um curso de Engenharia para homens brancos.*

*Na história, destacam-se ainda Paul Stafford (Jim Parsons), um colega de Johnson que se sentiu extremamente intimidado por sua inteligência, e Vivian Mitchell (Kirsten Dunst), chefe de Dorothy. No início do filme, ambos veem as mulheres negras como inferiores e meros recursos necessários para realizar a operação, mas, ao longo da narrativa, percebem que estão trabalhando com seres humanos e que a cor da pele não mede inteligência ou competência.*

*A forma como o diretor, Theodore Melfi, aborda a questão da segregação é muito chocante, porém, retrata de modo fidedigno a época, em que negros e brancos não podiam dividir o mesmo banheiro, o mesmo bebedouro, o mesmo banco de ônibus. Ademais, traz um interessante ponto de vista sobre a corrida espacial durante a Guerra Fria, momento importante para o desenvolvimento tecnológico nos blocos capitalista e socialista. O longa de 2017, que foi indicado em três categorias do Oscar e venceu o BET Awards, promete entregar muitas risadas e lágrimas em duas horas de exibição.*

gênero: “Fiz um trabalho com 11 alunos e eu era a única do sexo feminino. Aos poucos, fui me impondo e me tornei a líder do grupo. Entre os colegas deu tudo certo, mas o professor da disciplina teve dificuldades em aceitar minha posição e sequer me deixava falar durante as apresentações”. Ela destaca, porém, que esse tipo de comportamento está diminuindo, principalmente em razão dos questionamentos de estudantes.

As diferentes gerações de meninas e mulheres – Gabriela, Aprille, Inês, Ana Paula, Júlia, Lourdes, Sofia – que se interessam por ciências exatas e da natureza têm um ponto comum em sua história. Sejam os pais, sejam os professores ou professoras, houve figuras influentes que não permitiram que elas pensassem ser incapazes. A professora e coordenadora de Matemática Heloísa Hessel (na foto), referência para estudantes do Fundamental e do Médio, assinala isso em sua própria trajetória e também na sua prática na sala de aula: “Na minha casa, não tinha isso. Meus pais disseram a mim e aos meus irmãos que podíamos estudar para sermos o que quiséssemos, estudar era o que interessava. Na minha sala de aula faço o mesmo, não tem diferença”.



**Orgulho de ser nerd**

Marina Falcão, aluna da 1ª série, à primeira vista parece o que se entende por uma garota comum: é alta, esguia, delicada e, quando não está no Colégio, dedica horas ao estudo de balé clássico. Diferentemente das garotas que contaram aqui suas histórias, prefere as humanas às exatas. No entanto, basta conversar um pouco com ela para descobrir outros interesses, entre os quais os jogos de computador (publicamos no quadro abaixo uma de suas resenhas críticas sobre um game), meio de presença majoritariamente masculina. “Primeiro, eu tive que disputar espaço em casa e mostrar aos meninos da família que eu podia jogar tão bem quanto eles”, ela conta. Depois, enfrentou novos desafios toda vez que revelava, em uma partida na internet, que uma menina se escondia atrás da tela e dos controles. Assim como acontece na publicidade, estudada e discutida este ano nas disciplinas de Inglês e Redação, ela nota a falta de representatividade nas narrativas: “Há poucas personagens femininas nos jogos de videogame e as que existem ainda são extremamente estereotipadas. Continuar jogando é mostrar que nós também merecemos presença nesse cenário”, diz.



Lourdes Mikalef e Marina Falcão, da 1ª série

REDAÇÃO (1ª SÉRIE)

**Five Nights at Freddy's**

**A LINHA DE JOGOS, PRODUZIDA POR SCOTT CAWTHON, GANHA CADA VEZ MAIS POPULARIDADE ENTRE OS AMANTES DE TERROR**

por\_ Marina Falcão

*Five Nights at Freddy's é uma franquia criada pelo designer norte-americano Scott Cawthon e foi lançada mundialmente no segundo semestre de 2014. Na história, assume-se o papel de um guarda noturno, que acaba de ser contratado para trabalhar no Freddy Fazbear's Pizza. Ali, o jogador é desafiado por inimigos que ganham vida durante a noite e a cada fase a dificuldade aumenta – e é justamente isso que torna o jogo empolgante.*

*A mecânica, no entanto, é simples. O personagem precisa sobreviver durante cinco horas por cinco noites. Para isso, será preciso lógica e extremo cuidado, pois além de traçoeiros animatronics, a energia do gerador da pizzeria cai enquanto o tempo passa e precisa ser administrada para que a partida não termine no escuro.*

*Um dos aspectos positivos do jogo é a sua originalidade. Até*

*seu lançamento, quase nenhum game usava um sistema de portas automáticas e câmeras de segurança para impedir ataques. Outro ponto interessante é a complexidade da narrativa, que obriga e instiga o competidor a pensar em outras estratégias para conseguir progredir no jogo. Todavia, há também problemas, a começar pela extrema dificuldade de vencê-lo, já que até hoje nenhum jogador conseguiu desvendá-lo completamente. Além disso, mesmo depois de ter criado cinco jogos e ter escrito um livro, Scott ainda cometeu erros na linha do tempo de Five Nights que confundem mesmo jogadores experientes. Ademais, há críticas que se referem aos gráficos grosseiros.*

*Apesar disso, Five Nights at Freddy's é uma ótima opção para os fãs de plantão do terror. A cada jogo a dificuldade aumenta e, conseqüentemente, o desafio e a curiosidade também.*





# 5

## PROPOSTAS INOVADORAS para o ensino de matemática e ciências no Stockler

NA SALA DE AULA, NO LABORATÓRIO E EM CAMPO, PROFESSORES E ALUNOS MOSTRAM COMO FORMAS DE CONHECIMENTO QUE COMBINAM TEORIA E PRÁTICA PROMOVEM O ENGAJAMENTO

Texto: Ana Paula Severiano  
Fotos: Carolina Gonzalez

1

### ABC DA PROGRAMAÇÃO NO FUNDAMENTAL

Os cadernos cederam lugar aos notebooks na oficina de programação em Scratch promovida pela professora e coordenadora de Matemática Heloísa Hessel para os alunos do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental. Foram dois encontros em que eles tomaram contato com a linguagem Scratch, desenvolvida pelo Media Lab do Massachusetts Institute of Technology (MIT) para crianças a partir de 8 anos. Com ela é possível criar jogos, histórias animadas e outros programas interativos e, ao mesmo tempo, desenvolver o raciocínio lógico. Pedro Baltar, do 7º, que já conhecia a ferramenta, criou um jogo de futebol e enxerga os próximos passos: “Com o tempo, podemos criar um grupo aqui no colégio e também participar de eventos onde há outras pessoas que também programam com o Scratch”.

2

### UM CURSO DE MATEMÁTICA PARA CHAMAR DE SEU

No primeiro semestre deste ano, os alunos da 3ª série foram convidados para um intensivo com 12 aulas de matemática comandadas pelo professor e diretor Almir Bunduki. Usando como critério de seleção o desempenho na disciplina obtido na 3ª série, Almir separou os estudantes em dois grupos: aqueles que precisavam de uma revisão de conceitos básicos para acompanhar o conteúdo da 3ª série e aqueles que estavam acima da média e já preparados para encarar os problemas mais difíceis das provas de vestibular. “Todos os que estavam na aula tinham o mesmo nível de conhecimento sobre a matéria, o que foi ótimo, porque aprendemos realmente juntos”, conta Luiza Mazzi, que fez o curso de conceitos básicos. “Também percebo que a atividade foi realizada na época certa, porque garantiu mais tranquilidade no segundo semestre, quando há menos tempo para fazer esse tipo de revisão”, completa.



Nas aulas de Scratch, alunos do Fundamental se divertiram programando jogos e animações

3

### CSI STOCKLER

Como no episódio de um seriado de investigação, os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental participaram de uma atividade na qual tiveram que analisar evidências de um suposto acidente, como marcas de pneu do carro no chão e manchas de sangue, para criar hipóteses que pudessem desvendar o caso. O mestre em Fisiopatologia Experimental e perito Julio Ponce conduziu a atividade em parceria com o professor Thiago Rosa. Na simulação de perícia, a física foi usada para descobrir com que velocidade o carro atingiu a vítima, já a Biologia auxiliou os alunos a detectarem se o sangue encontrado na cena era humano ou de um animal.

4

### BONS COMPANHEIROS

“A gente ensina Física e Matemática usando a mesma linguagem dos colegas”, conta João Bebber, aluno da 2ª série do Ensino Médio com excelente desempenho em exatas. “No começo pode parecer só bagunça, mas isso cria um clima de descontração e liberdade produtiva na sala. Além disso, quando damos aulas pra eles, também nos aprimoramos e deparamos com novos desafios”, completa. João e o também aluno Bryan Chin tomaram a iniciativa de oferecer grupos de estudos no espaço do colégio para auxiliar as turmas de primeira e segunda série nessa área. Nos encontros, Bryan e João resolvem exercícios em que aplicam a teoria vista em classe e também refazem algumas das questões de provas nas quais foram relatadas mais dificuldades.

5

### CULTURA MAKER NA ESCOLA

Professores do Ensino Fundamental participaram de uma oficina de introdução à aprendizagem criativa, na qual experimentaram a cultura *maker*. O princípio é de uma educação mão na massa e lúdica, centrada no trabalho coletivo, no estímulo à criatividade e à empatia, e que também visa a colocar o aluno no centro do processo educativo. Com essa proposta, os professores formaram grupos e brincaram com a possibilidade de pensar em mecanismos, gerar energia e automatizar veículos. Para dar continuidade à oficina, parte da equipe docente realizou, nos meses de outubro e novembro, um curso online oferecido pelo MIT sobre o assunto. O projeto de construção de um teodolito, instrumento usado para a medição de ângulos, envolveu as turmas de 9º ano e mostra como os princípios da aprendizagem criativa já estão sendo postos em prática. Depois de confeccionar o instrumento com transferidor e pêndulo, o grupo aproveitou a viagem de campo a Brotas para lançar projéteis e realizar cálculos trigonométricos e de física usando as medidas colhidas com o aparelho.



Conceitos de Biologia e Física são aplicados à solução de problemas reais



Nos grupos de estudos, linguagem informal e bagunça organizada estimulam o estudo entre os alunos

## Por um ensino investigativo de ciências

Texto: Thiago Rosa, professor de Biologia

Nas últimas décadas, tem-se constatado uma limitação no ensino de ciências da natureza por meio do método tradicional. Nesse método, o professor concentra o conhecimento e o transfere ao aluno. O problema desse sistema é que ele tem baixo potencial de engajamento dos estudantes e também considera que todos estão no mesmo nível acadêmico e com igual predisposição para o aprendizado. Além disso, a aula puramente expositiva e as práticas de laboratório, nas quais o aluno é obrigado a conseguir reproduzir um experimento, fogem ao modo como o conhecimento é construído cientificamente.

É nesse contexto que surge a proposta de um ensino de ciências da natureza sob uma abordagem investigativa. Ensinar de maneira investigativa é colocar o aprendiz na posição de protagonista da produção do conhecimento, valorizando as dúvidas, questões e interesses naturais.

As crianças e jovens em idade escolar trazem perguntas acerca do mundo que, frequentemente, são tratadas como inconvenientes no método tradicional de ensino. Porém, essa postura do estudante é o combustível que impulsiona o conhecimento científico. No ensino investigativo, a curiosidade para entender o mundo que nos cerca deve ser usada para estimular os alunos a formular maneiras de responder às próprias perguntas. Cabe ao professor, então, guiá-los e organizá-los para que possam usar métodos científicos a fim de elaborar, analisar e testar suas proposições.

Assim, o docente pode partir de problemas que exigem níveis de percepção, explicação e práticas científicas adequadas para cada série. Dessa forma, os alunos aprendem a lidar com obstáculos e a construir soluções. Aqui, leis e definições científicas surgem como uma necessidade e não como um conjunto de regras arbitrárias.

Esses momentos podem ser completados por situações expositivas, pela busca bibliográfica e pela reflexão, a fim de criar um fluxo natural que tenha como ponto de chegada a aquisição de novos e importantes conhecimentos.





**Aluna:** Adriana Marrey Ferreira de Ataíde  
**Representando:** "Rapariga com o brinco de pérola", de Johannes Vermeer  
**Motivo:** "Foi uma pintura que, mesmo simples, é muito misteriosa"



**Aluno:** Rafael Oliveira Schuch  
**Representando:** Yuri Gagarin  
**Motivo:** "Ele foi muito corajoso de ir para o espaço com uma enorme chance de dar errado"



**Aluna:** Victoria Yamamoto Ruggiero  
**Representando:** Min Yoongi, mais conhecido por seu nome artístico Suga, é um rapper, compositor e produtor sul-coreano  
**Motivo:** "Sua história de superação me inspira"



**Aluno:** João Pedro Bogossian Remali  
**Representando:** meu avô materno  
**Motivo:** "Eu pretendo ser médico assim como meu avô. Ele também é uma das pessoas em que mais confio"



**Aluno:** Lucas Paranduc Círmaco  
**Representando:** meu tio  
**Motivo:** "Ele faz o que gosta e não liga para o dinheiro"



**Aluna:** Isabella Lemiechek Barcia  
**Representando:** Frida Kahlo  
**Motivo:** "Acho o jeito que ela entrou no meio artístico muito interessante"



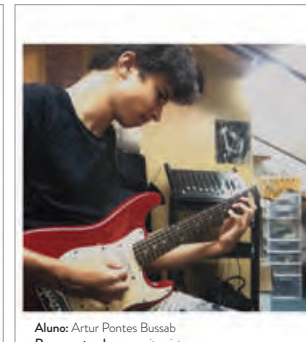
**Aluno:** Pedro Rizzutti Bellandi  
**Representando:** Roberto Gómez Bolaños  
**Motivo:** "Porque ele marcou minha infância"



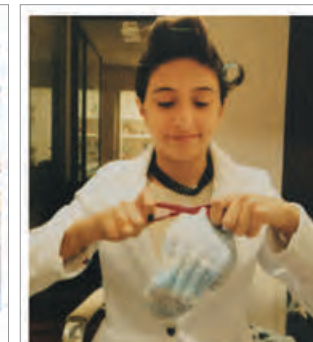
**Aluna:** Isabella Lemiechek Barcia  
**Representando:** Anne Frank  
**Motivo:** "Pois ela dividiu com o mundo os momentos difíceis que ela e sua família passaram"



**Aluna:** Isabela Corrêa Salvestro  
**Representando:** Malala Yousafzai na estreia de seu livro  
**Motivo:** "Porque ela é uma guerreira. A história dela é incrível, me emociono muito"



**Aluno:** Artur Pontes Bussab  
**Representando:** um guitarrista  
**Motivo:** "Achei interessante representar algo diferente"



**Aluna:** Isabela Marques Viveiro  
**Representando:** minha bisavó  
**Motivo:** "Com 90 anos ela é super ativa, adora fazer meias para seus sete bisnetos"



**Aluno:** João Marrey Mendonça  
**Representando:** Santos Dumont  
**Motivo:** "Porque ele foi importante"



**Aluno:** Pedro Rizzutti Bellandi  
**Representando:** meu avô  
**Motivo:** "Ele era um homem sábio"



**Aluna:** Julia Gobbi Grieco  
**Representando:** J. K. Rowling  
**Motivo:** "Parte da sua vida foi muito difícil, mas ela superou através do que amava fazer. Ela me inspira bastante porque eu tenho vontade de ser escritora e escrever como ela"

No exercício "Como me aproprio do outro?", homenagens a personalidades como Anne Frank, Frida Kahlo e Malala Yousafzai e também a familiares inspiradores

“ Me vestir como a pessoa foi o menor problema. O mais desafiador foi me colocar na pele do indivíduo e representar isso numa foto. O que me chamou mais atenção foi que, mesmo sendo apenas uma foto, eu me conectei com a pessoa por um tempo e isso foi enriquecedor.”

**Julia Gobbi,**  
9ºA, sobre a atividade  
Como me aproprio do outro?

# A palavra é RESPEITO

**OLHAR PARA O OUTRO E CONVIVER COM AS DIFERENÇAS SÃO VALORES PRESENTES NOS PROJETOS E TAMBÉM NO CURRÍCULO QUE ORIENTA A FORMAÇÃO DOS ALUNOS STOCKLER**

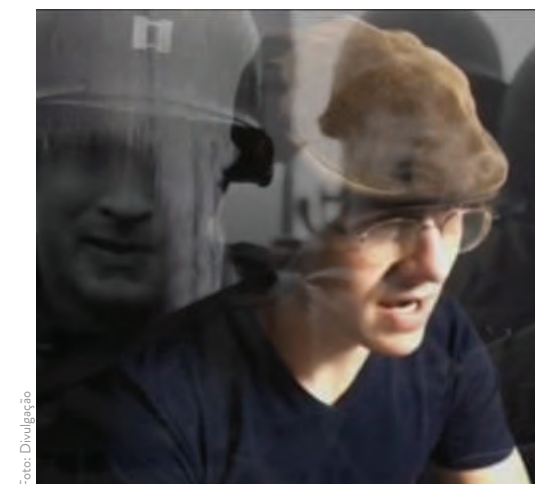
Texto: Ana Paula Severiano

A frase que marcou a manhã cultural de 2017 no Stockler é atribuída ao pacifista Mahatma Gandhi: “Olho por olho e o mundo acabará cego”. Ela serviu de mote para os curtas-metragens produzidos pelas turmas de 9º ano no projeto *Stockflix*. Exibidas durante o evento que marca a passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, as obras emocionaram a plateia ao tratar de bullying, preconceito e violência. Josely Magri, diretora pedagógica, entende que isso é reflexo das discussões que a própria escola estimula: “Trata-se de uma iniciativa interdisciplinar que encerra grandemente essa etapa do ensino. Este ano, eles escolheram as temáticas que gostariam de trabalhar e foi interessante que tais assuntos tenham aparecido. Somos uma escola reconhecida pela política de combate ao bullying e ao desrespeito, e isso se refletiu também na preocupação dos próprios alunos”.

Como afirmou Josely, ao longo do percurso formativo, debates e projetos sobre o respeito às diferenças são frequentes no colégio. No 8º ano, o eixo que conduz as atividades chama-se “Tolerância e intolerância”.

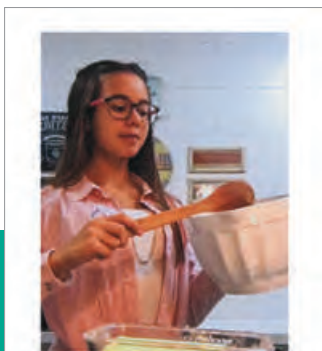
Já no 9º, esse eixo é o “Aprimoramento das linguagens”. Dentro dessa proposta, em 2017, a professora de Geografia Cristina Catalina e a professora de Inglês Regina Tarifa propuseram aos alunos que planejassem aplicativos que visassem apoiar refugiados no Brasil, tendo em vista o conteúdo estudado acerca dos novos fluxos migratórios. Entre as sugestões feitas está o aplicativo *Refugee Basics*, que ofereceria um mapa com serviços essenciais para refugiados na cidade de São Paulo. “O grupo defendeu que o app fosse escrito em inglês, mas com sentenças bastante simples, para que fosse acessível ao maior número de pessoas”, ressalta Regina. Também no 9º, os alunos exercitaram a alteridade na proposta “Como me aproprio do outro?”. A fonte foi o trabalho do artista Juan Pablo Echeverri, que modifica sua aparência e se fotografa para refletir sobre o estilo e o modo de vida das pessoas. O resultado está distribuído nas pôsteres que ilustram esta e as próximas páginas.

“A ideia do respeito ao outro não se restringe ao Ensino Fundamental. No Médio, isso continua de forma ainda mais aprofundada. Exemplo disso é que a disciplina de Interpretação de Texto dedica um semestre ao estudo da ética durante a 1ª série”, conta Eduardo Valladares, supervisor de Humanidades. O professor da disciplina, Henrique do Amaral, relata que os alunos leram um mito da República de Platão, o Anel de Gíges, um texto sobre justiça e injustiça. A partir dele, os alunos começam a se debruçar sobre a ética, primeiro de maneira



Alunos do 9º ano durante as gravações do seriado *Stockflix*, que abordou temas ligados à tolerância





**Aluna:** Ana Clara Ramon Gianelli  
**Representando:** Julia Child  
**Motivo:** "Sua história de superação me incentiva a sempre seguir meus sonhos"



**Aluno:** Rlad Altinawi  
**Representando:** um pintor  
**Motivo:** "Gosto de pintar"



**Aluna:** Gabriela Dusilek Lima  
**Representando:** Melanie Martinez  
**Motivo:** "Porque a Melanie traz mensagens nas suas músicas que eu gosto muito. Além disso, ela é quem ela é, sem se preocupar com que os outros vão pensar"



**Aluno:** Christopher Daniel Ryan  
**Representando:** LeBron Raymone James  
**Motivo:** "Gosto de jogar e assistir basquete"

mais geral, como o estudo dos valores que orientam o comportamento humano. Depois, passaram a conceituar moral e ética e, finalmente, analisaram as ideias de ética e virtude presentes no livro *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles. "O estudo da ética é de importância enorme em qualquer fase da vida, mas é primordial durante o processo de formação. Assim, eles podem não só conhecer os valores éticos, mas também praticá-los", ressalta Henrique.

Já na 2ª série, há quase uma década, o professor Ivan Paganotti, de Jornalismo, realiza uma simulação do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), em que os alunos dialogam sobre questões geopolíticas e para tentar alcançar um consenso. Ivan destaca que a cada ano, diante da polarização da sociedade e do crescimento dos discursos de ódio, a atividade ganha mais sentido.

Ainda nesse âmbito, a 2ª e a 3ª séries se engajaram em um debate sobre racismo provocado pelo filme *Estrelas além do tempo*. Além do longa, assistiram ao documentário *A 13ª emenda* (Ava DuVernay), que trata da segregação racial e do encarceramento em massa nos Estados Unidos, e abordaram o assunto nas aulas de História, Atualidades, Biologia e Filosofia. Ana Paula Severiano, professora de Redação, afirma a importância dessas discussões: "Elaborar proposta de intervenção que respeite os direitos humanos ainda é um dos critérios de correção da redação do Enem. Todavia, nós debatemos assuntos ligados a esse campo não só para treinar alunos que serão bem-sucedidos no vestibular, mas para formar pessoas cientes de seus atos e capazes de exercer o respeito e a empatia".



Foto: Ivan Paganotti

Na Simulação do Conselho de Segurança da ONU, cada aluno assume o papel de uma nação para discutir questões de interesse global

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO E LITERATURA (1ª SÉRIE)



No Diário do Leitor, os alunos de 1ª e 2ª séries registram as impressões que tiveram ao estudar livros em Literatura. Entre outras atividades propostas pelo diário, eles são convidados a refletir sobre o texto e relacioná-lo a outras obras, sejam da época, sejam atuais.

*Fez-me pensar em...*

por\_ Helena Bussadori

A leitura do livro *Minha vida de menina*, de Helena Morley, me fez pensar na música "Lei Áurea", de Carolina Soares: "(...) O negro caía cansado, logo era chicoteado/ (...) 1888 a Lei Áurea, Isabel assinou/ O negro foi jogado na rua, essa lei não adiantou/ Com saudades da terra natal, com aperto no coração/ O negro já não apanha mais, mas continua na escravidão."

A música "Lei Áurea", de Carolina Soares, relata o mesmo momento ou contexto histórico do livro *Minha vida de menina*. O momento posterior à Lei Áurea (1888), ou seja, após a abolição da escravidão, foi muito complexo para os negros. Como diz a música: "O negro já não apanha mais, mas continua na escravidão". O significado disso é que, mesmo após a abolição da escravidão, os negros continuaram sendo tratados de maneira extremamente preconceituosa e agressiva, e essa adversidade ainda é comum. Talvez já não ocorra na mesma intensidade, porém é muito evidente a presença do racismo no nosso cotidiano. Além disso, muitos dos antigos escravos optavam por retornar a trabalhar para os seus antigos "donos", já que estavam sem rumo. Quando a escravidão foi abolida, os negros foram abandonados nas ruas sem trabalho nem dinheiro para se sustentar.

A própria Helena Morley, mesmo sendo considerada "liberal" para o período em que viveu, mostra em várias passagens da história um pensamento preconceituoso. Um exemplo dessas situações ocorre no momento em que a protagonista se refere a Cesarina como "a nossa negrinha". Muitos desses pensamentos foram influenciados pelo pai da protagonista, visto que ele viveu em um momento no qual a escravidão era aceita e naturalizada pela elite.

“É importante discutir notícias atuais em sala de aula para que os alunos possam expressar e ouvir pontos de vista diferentes em um período em que tantas figuras públicas parecem querer somente monologar, silenciando contestações ou divergências. Para fazer esse trabalho, o curso de Jornalismo envolveu os alunos nos debates mundiais por meio de atividades como a simulação do Conselho de Segurança da ONU, por exemplo. Neste ano, focamos as ameaças envolvendo os testes nucleares e os lançamentos de mísseis pela Coreia do Norte, mas muitos alunos aprofundaram esse debate ao discutir propostas envolvendo também outros desafios desse país, como os desrespeitos sistemáticos contra liberdades e direitos fundamentais da população norte-coreana por parte do governo local.”

Ivan Paganotti,  
professor de Jornalismo

REDAÇÃO (6º ANO)

Com base nas discussões realizadas sobre as histórias de *O livro da selva*, de Rudyard Kipling, e sobre o filme *Mogli, o menino-lobo*, os alunos do 6º ano realizaram atividades de escrita e leitura, entre elas a escrita criativa de fábulas.

*A raposa e o cão*

por\_ Tarik Péret Corrêa

Certo dia, uma raposa e seus filhotes estavam andando perto de um galinheiro, salivando de fome, embaixo do sol, lentamente secando. De repente, a mãe raposa avistou um cão maltratado, preso ao galinheiro como uma estátua, defendendo o lugar de possíveis invasores.

A raposa, esperta e oportunista, viu nisso uma oportunidade para saciar sua fome enorme. Então, aproximou-se do cão e falou:

– Olá, amigo, sou uma mãe, e meus filhotes estão com fome. Poderia trazer uma galinha ou várias para nós?

– Não.

– Posso tirar você deste lugar cruel e levá-lo a uma festa na mata.

O cachorro rapidamente falou que sim e que estava cansado de ser maltratado.

Então, o cão pegou cinco galinhas e deu esse belo banquete para a mãe raposa e seus filhotes.

As raposas rapidamente devoraram as galinhas, agradeceram e contaram para o cachorro onde era a festa.

O cão, sendo fiel ao dono, contou a seu patrão a localização da festa. Chegando lá, o dono e seu cão depararam com muitos animais e um banquete situado em cima de um tronco. Havia vários tipos de queijo, um pão feito pelo melhor padeiro do vilarejo, frutas, cereais, carnes frescas, azeitonas, raízes e bebidas silvestres.

O dono começou a procurar a raposa, enquanto o cão se fartava de comidas deliciosas. Do nada, um barulho altíssimo perturbou a festa. Era o dono correndo atrás da mãe raposa, tentando caçá-la. O cão se arrependeu de ter contado o segredo para o dono, pois achava que a festa inicialmente seria uma armadilha, e não um belo banquete de verdade.

Então o cão decidiu impedir seu dono e salvar a mãe raposa. O cão se desculpou e deteve seu dono cruel.



**Aluna:** Cecília de Mattos Cavalcante Moreira  
**Representando:** minha mãe  
**Motivo:** "Ela sempre me incentiva a correr atrás dos meus sonhos"



**Aluno:** Fernando de Seixas Luz  
**Representando:** minha mãe  
**Motivo:** "Por se esforçar em seu trabalho como médica"



**Aluna:** Ana Beatriz Feijoo Pinto de Sampaio  
**Representando:** uma veterinária  
**Motivo:** "É minha inspiração, pois quero ser veterinária quando crescer"

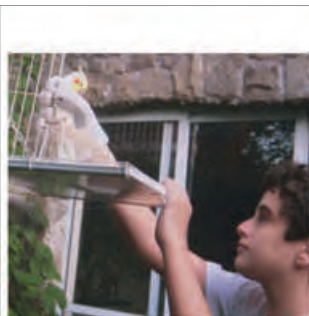


**Aluno:** Matheus Stinco Borges dos Santos  
**Representando:** meu pai  
**Motivo:** "Porque acho muito bacana o jeito que ele cozinha"





**Aluna:** Juliana Barra Ferreira  
**Representando:** minha avó  
**Motivo:** "Porque ela me inspira. Antes de falecer, me ensinou muito. Ela foi uma ótima poetisa e artista"



**Aluno:** Gustavo Sauma Gebram Soubihe  
**Representando:** meu tio  
**Motivo:** "Ele é biólogo e trabalha bastante"



**Aluna:** Isabela Corrêa Salvestro  
**Representando:** meu pai  
**Motivo:** "Porque tenho muito orgulho dele. Ele é o melhor pai do mundo. Gosto de ver ele salvando vidas. Não importa a hora, ele deixa tudo para cuidar dos seus pacientes"



**Aluno:** Lucas Parandiuç, Clímaco  
**Representando:** meu pai  
**Motivo:** "Ele inspira minha vontade de ser alguém"

## IMAGENS A SERVIÇO DO (auto) conhecimento

**PROJETOS QUE ESTIMULAM A PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA E AUDIOVISUAL DOS ALUNOS GARANTEM INTERESSE PELO CONTEÚDO CURRICULAR E TAMBÉM FORMAM ESPECTADORES MAIS CRÍTICOS**

**Texto:** Ana Paula Severiano  
**Fotos:** Carolina Gonzalez

Não é nenhuma novidade que a atual geração tenha mais intimidade com câmeras, telas e redes sociais que privilegiam a linguagem audiovisual, como o Snapchat, o Instagram e o Facebook. Um estudo do Datafolha, de 2015, mostrou que jovens brasileiros passam cerca de nove horas por dia conectados; nesse tempo, o que mais fazem é conversar, ouvir música, postar fotos, compartilhar textos e assistir a vídeos. Diante disso, a escola e os educadores têm a opção de ignorar a ascensão dessa forma de se comunicar ou de explorar os potenciais dela. O Stockler escolheu a segunda. Entre o Ensino Fundamental e o Médio, são vários os projetos que se valem de fotos, vídeos e sons para que os estudantes sejam mais críticos em relação à sua própria época e também se posicionem como sujeitos do conhecimento.

No 9º ano, por exemplo, a produção do *Stockflix* (leia mais na página 20) é o final de um percurso de construção de um olhar e de uma leitura autoral sobre si mesmo e sobre o mundo por meio das imagens. O processo se concentra nas aulas de Artes da professora Carol Rahal, mas envolve diferentes disciplinas, entre elas Inglês, Espanhol, História e Língua Portuguesa. Segundo Carol, o objetivo é "combinar fotografia, teatro e cinema em atividades que resgatem a ludicidade, a intuição e a criatividade transformadora".

Entre os exercícios realizados, o Mannequin Challenge e o Diário Fotográfico, em especial, engajaram os alunos. O primeiro teve como inspiração uma ação de jovens norte-americanos cujo vídeo viralizou na internet. O também chamado Desafio do Manequim propõe criar e filmar cenas cotidianas em que as pessoas parecem congeladas. No colégio, o desafio serviu de introdução à linguagem cinematográfica. Já o Diário Fotográfico surgiu da vontade de registrar e acompanhar a trajetória criativa de cada aluno. Durante o primeiro e o segundo trimestre do ano, as turmas foram convidadas a conhecer conceitos e a observar seu cotidiano. Para Carol, "no diário, os jovens estabelecem conexões entre as práticas fotográficas e a vida cotidiana, entre a sua relação com os outros e consigo mesmos".

Para mais vídeos, fotos e informações, acesse pelo QR Code ou: [projetomemorias.wixsite.com/tecendomemorias](http://projetomemorias.wixsite.com/tecendomemorias)



“Percebemos que o projeto nos proporcionou vários aprendizados, ajudando-nos a conhecer diversas culturas que coexistem no Brasil. Isso foi possível porque fizemos o trabalho de pesquisa e também assistimos aos vídeos dos nossos colegas de sala, que abrangeram desde o papel das mulheres na música brasileira até o funk. Consideramos a atividade importante porque, além da interpretação de letras ser frequente nos vestibulares, pudemos perceber a intertextualidade entre as composições e também a interdisciplinaridade, pois aprendemos mais sobre história e atualidades.”

**Trecho do memorial escrito por Eduardo Sallum e Ricardo Antunes, 2ª série B**

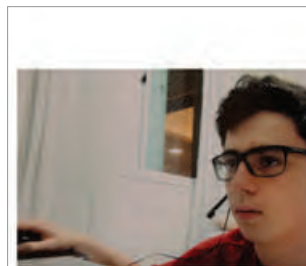
## No compasso da música brasileira

Há 100 anos, ocorria a primeira gravação de um samba na história. A composição de Donga, que dizia “O chefe da folia/ Pelo telefone/ Mandou me avisar/ Que com alegria/ Não se questione/ Para se brincar”, foi a motivação para que alunos da 2ª série do Ensino Médio não só brincassem como também aprendessem e refletissem sobre história da música nacional. O fruto das pesquisas e das aulas especiais sobre o tema foi a produção de uma série de documentários que reconstruíram a trajetória de gêneros musicais, entre eles o samba e o funk. “Embora o filme tenha sido o produto final, o processo foi rico porque o grupo passou por várias etapas, que envolveram apuração, escrita de roteiro, planejamento e divisão de tarefas dentro de cada equipe, além da escrita de um memorial sobre o processo e de comentários críticos a respeito dos filmes produzidos pelos colegas”, destaca Eduardo Valladares, supervisor da área de Humanidades. Os grupos também ficaram responsáveis por criar uma programação musical para tocar nos intervalos entre as aulas, com uma lista diversa e sem preconceito: das composições de Villa-Lobos à música caipira.

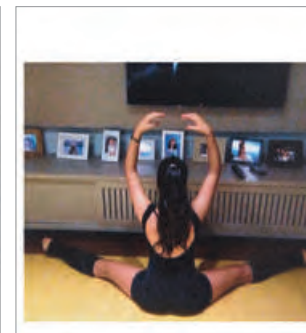
Além de exercitar a pesquisa e a linguagem audiovisual, o projeto contribuiu para a ampliação do repertório para os processos seletivos: “Penso que, se atribuímos à canção seu valor como gênero discursivo, a forma que estará incluída em uma prova de vestibular não é única. Pode aparecer em questões de múltipla escolha, para que se faça interpretação ou comparação com outros gêneros, por exemplo”, explica Márcia Pelachin, coordenadora de Língua Portuguesa do colégio.



**Aluna:** Carolina Januzzi Fiore  
**Representando:** Marie Skłodowska Curie  
**Motivo:** "Ela foi uma mulher que superou o preconceito e se tornou uma grande cientista"



**Aluno:** Rafael Matuck Cukier  
**Representando:** um gamer  
**Motivo:** "Eu adoro jogar video game"



**Aluna:** Juliana Barra Ferreira  
**Representando:** minha professora de dança  
**Motivo:** "Porque ela exalta arte, gosta do que faz e faz muito bem"



**Aluno:** Fernando de Seixas Luz  
**Representando:** meu irmão  
**Motivo:** "Por sua dedicação incansável em seus estudos para o vestibular"





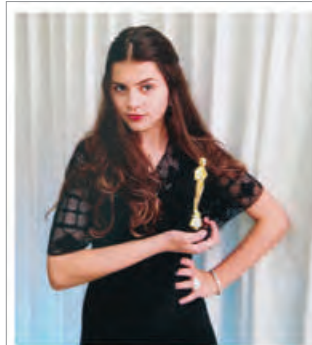
**Aluna:** Gabriela Baptista Sanceau  
**Representando:** Marilyn Monroe  
**Motivo:** "Porque muitos a julgavam, mas ela continuava seguindo em frente"



**Aluna:** Isabella Lemiechek Barcia  
**Representando:** Amy Winehouse  
**Motivo:** "Ela foi uma grande artista, com grande influência musical"



**Aluna:** Luiza Teixeira Corrales  
**Representando:** Holly Golightly (Audrey Hepburn)  
**Motivo:** "Porque eu amo e admiro a Audrey Hepburn desde pequena. Escolhi este personagem porque é o meu favorito dela"



**Aluna:** Isabella Faralli Amarante Carvalho  
**Representando:** uma produtora de cinema  
**Motivo:** "Meu sonho é ir no Oscar como produtora. Essa foto representa meu sonho, que me inspira todos os dias"

REDAÇÃO

## Trilha de letras e imagens

Os 8<sup>os</sup> anos tiveram a oportunidade de exercitar criativamente nas aulas de Redação processos de desenvolvimento dos elementos estruturais da narrativa. Para planejar as personagens, os cenários e os temas de um conto original, os alunos trabalharam sobre as propostas do livro *O mundo imaginário de...*, organizado por Keri Smith. Durante as atividades, puderam explorar recursos verbais e não verbais.

Foto: Carolina Gonzalez



**“Eu amei essa experiência. Acho que foi uma chave que abriu minha criatividade, que parecia trancada a sete chaves, novamente. Enquanto tirava as fotos, também tive um ótimo momento com a minha irmã, fizemos a maior farra.”**

**Isabella Barcia,**  
9<sup>o</sup> B, sobre o Diário Fotográfico



**“Conteúdos que não seriam tratados diretamente no planejamento tradicional podem ser incluídos no projeto de vídeo. Além disso, a cada ano, conseguimos incluir temas que são relevantes e, dessa maneira, customizar o currículo programático. Para o aluno, há muitas vantagens: tratar o assunto escolhido com uma linguagem mais coloquial, mas sem perder de vista o aspecto técnico. Considero importante também a avaliação entre pares. Finalmente, desenvolvemos habilidades como poder de síntese e elaboração de proposta de intervenção (tão importante no Enem), o que dificilmente seria possível por meio de avaliações tradicionais.”**

**Ismael Fernandes,**  
professor de Biologia

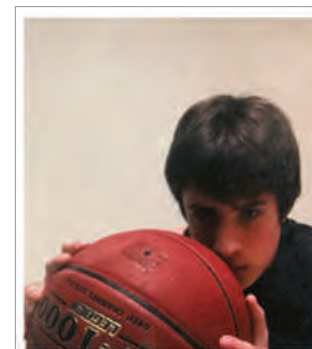
## Profissão: youtuber

Aprender e ensinar Biologia por meio da produção de vídeos em formato apropriado para o YouTube é o desafio que o professor Ismael Fernandes apresenta aos alunos da 2<sup>a</sup> série. O projeto existe desde 2012 e, aos poucos, foi envolvendo outras disciplinas e etapas. Este ano, as turmas tiveram a oportunidade de assistir a uma palestra com youtubers e também participaram de aulas de aprofundamento em linguagem audiovisual. Além disso, os professores de Inglês, Redação e Leitura Crítica acompanharam o trabalho. Cada grupo escolheu um tema entre os diversos propostos por Ismael – como bulimia, benefícios do exercício físico e psicopatia –, pesquisou e elaborou o roteiro de um vídeo curto. Depois das filmagens e da edição, elaboraram legendas em inglês e, em fase posterior, redigiram artigos de divulgação científica derivados do tema. Finalmente, para fechar a atividade, houve uma sessão de exibição coletiva no auditório. Professores e alunos puderam assistir a todos os filmes e avaliá-los com fichas que descreviam vários critérios, como conteúdo e trilha sonora.



Foto: Divulgação

Da esquerda para a direita: Marcella Correa (@blogmarcellacorrea) e Gabriela Moretti (@gabirmoretti), ex-alunas do Stockler, criaram canais sobre moda e estilo de vida; Miriam Castro (@mikann) é especialista na série *Game of Thrones* e em cultura nerd; Danilo França (@hiperdandan) dá dicas de musculação; professor Ismael Andrade; André Campos (@jogabilidades) foca nos videogames.



**Aluno:** Felipe de Campos Mello Arnus  
**Representando:** Oscar Schmidt  
**Motivo:** "Eu o admiro"



**Aluno:** Tiago Candreva Silveira  
**Representando:** Steve Jobs  
**Motivo:** "Gosto do jeito que ele pensava e como criou a Apple"



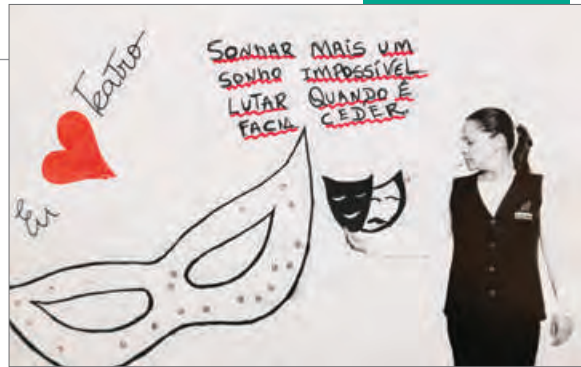
**Aluno:** Riad Altinawi  
**Representando:** um repórter  
**Motivo:** "Gosto muito de contar histórias"



**Aluno:** Guilherme Pirrone Muniz  
**Representando:** Paul McCartney  
**Motivo:** "Eu sempre gostei dos The Beatles"



Jeane Rosan, inspeção



Jodeilde Gomes Pereira, inspeção



Elizabeti Marques, inspeção



Nos anos 1990, o fotógrafo Paulo Fridman saiu por bairros de São Paulo fotografando anônimos e pedindo que respondessem por escrito a perguntas: Quem é você? Qual é o seu sonho? E o futuro do Brasil? Em sua série **Retratos falantes**, ele fundia os textos às imagens. Essa série é a inspiração de uma atividade que a professora Carol Rahal costuma propor aos alunos de Artes do colégio. Mas este ano o exercício foi especial, pois motivou a inspetora Jeane Rosan a fazer uma provocação: "Queria fazer essa aula!". A professora levou a proposta à direção, que apoiou o projeto. Jeane mobilizou outros funcionários do Stockler e ficou emocionada com o resultado: "Aprendi mais sobre fotografia, pude me aproximar dos meus colegas e conversei com a professora sobre a minha grande paixão: o teatro!". Carol, por sua vez, viu-se na posição de uma educadora que transforma toda a comunidade Stockler. "Poder dar voz a quem trabalha com a gente todo dia e conhecer mais sobre cada um dos funcionários foi uma das melhores experiências que já tive nesses dez anos", ela conta.



Maria Chae dos Santos, limpeza



Augusto Gomes, gráfica





# Pré-vestibular DO STOCKLER

**APENAS 25 VAGAS - JÁ EM 2018**

CONDIÇÕES  
ESPECIAIS PARA  
**EX-ALUNO  
STOCKLER**

## **NOSSOS DIFERENCIAIS**

- ✓ Treinamento individualizado em oratória e produção de texto
- ✓ Atividades de desenvolvimento de repertório cultural
- ✓ Carga horária extra para FGV/Insper e ESPM



**STOCKLER**  
VESTIBULARES

MAIS INFORMAÇÕES:

**5096-1671**

**3088-7900**

[vestibular.stockler.com.br](http://vestibular.stockler.com.br)